

NACH BRASILIEN: UM IMIGRANTE AUSTRIACO E SUA VIAGEM COMO UM RITO DE PASSAGEM

Marcos Felipe de Brum Lopes¹

Este texto explora as narrativas do jornalista e fotógrafo Mario Baldi, austríaco emigrado para o Brasil em 1921. Os relatos das suas primeiras experiências no Brasil tinham por título *Nach Brasilien (Para o Brasil)* e foram publicados no jornal austríaco de Salzburg (*Salzburger Volksblatt*). Através da articulação dessas fontes com a documentação de imprensa dos anos 1920, delinea-se brevemente o contexto do fluxo migratório dos germânicos para o Brasil, depois da I Guerra Mundial, e destaca-se a construção da viagem imigratória enquanto um rito de passagem, através da narração e da memória.

Nascido em 18 de janeiro de 1896, na cidade austríaca de Salzburg, Mario Josef Anton Johann Baldi era o primogênito de uma família de comerciantes. Sua autobiografia aponta poucos fatos de sua infância, já que, em suas palavras, “... pulo este princípio, um tanto nebuloso para mim, e passo à minha primeira juventude, da qual posso me lembrar com mais certeza e clareza”.² Durante a adolescência praticou esportes, como tênis e esqui, nos quais ganhou algumas medalhas. Coursou a *Übungsschule*³ em Salzburg e três anos do *Gymnasium*⁴ na mesma cidade, terminando esta fase no seminário St. Paul, em Lavantale in Kärnten, sul da Áustria.

A julgar pelas imagens de família preservadas na coleção de Baldi,⁵ a família participava da cultura visual dos estúdios fotográficos, característicos da sociedade na qual crescia o futuro fotógrafo. As

¹ Doutor em História Social pela Universidade Federal Fluminense. Pesquisador do LABHOI-UFF, Historiador do Museu Casa de Benjamin Constant, IBRAM/MinC, Bolsista Fulbright *Scholar-in-Residence* na Spokane Community College, Washington, EUA.

² Mario Baldi organizou o livro genealógico de sua família, com seus escritos e também de outros parentes. As traduções do alemão para o português desta e das outras citações foram feitas por mim.

Mario Baldi. s/d. Mario Baldi. *Stammbaum*. Secretaria Municipal de Cultura de Teresópolis - S.M.C.T. Coleção Mario Baldi, p. 01.

³ Primeira fase escolar do sistema de ensino germânico, equivalente a atual *Grundschule*; ensino primário.

⁴ Fase escolar do sistema de ensino germânico, que antecede a entrada na universidade, pode ser entendido como o antigo ginásio ou liceu.

⁵ Atualmente a Coleção Mario Baldi encontra-se dividida entre duas instituições, o Serviço de Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural de Teresópolis e o Weltmuseum, de Viena.

simbologias dos trajes, dos cenários e das poses compunham as imagens que deveriam circular no âmbito particular da família e círculos de amizades. A atmosfera do estúdio constituía uma experiência fotográfica única, na qual a pose e valor simbólico da imagem em sua circulação redefiniam a própria imagem social dos sujeitos.

Além dos estúdios, o ideal de modernidade e de progresso esteve em voga, vinculados, sobretudo, às cidades. Como bem esclareceu Maria Inez Turazzi, o século XIX produziu diversas demonstrações disso através das exposições industriais, nas quais a fotografia ganhou cada vez mais espaço, como sínteses dos estágios em que a humanidade se encontrava, numa evolução qualitativa.⁶ Os centros urbanos eram o *locus* ideal para tais acontecimentos, como Londres, Paris, Viena ou mesmo a cidade natal de Mario Baldi, onde ocorreu a *Internationalen Photographischen Ausstellung in Salzburg*, em 1895.

O cosmopolitismo urbano era também alimentado pelas notícias de todo o mundo, as quais se poderiam ler e ouvir nos cafés e na imprensa. Louise Andreis Baldi menciona o gosto do filho, Mario, pelas revistas de esporte e viagem,⁷ que veiculavam imagens e palavras sobre as mais diversas regiões. Percebe-se, portanto, que Baldi foi um típico jovem urbano do Império Austro-Húngaro, filho da burguesia local.

Em sua autobiografia, Mario Baldi faz da eclosão da Grande Guerra o primeiro acontecimento capital de sua trajetória. Como algo que veio a desestabilizar o equilíbrio das coisas, o conflito se iniciou quando “o mundo ficou louco e sua metade maior lançou-se sobre a menor”.⁸ Mario procurou o exército como voluntário, pois queria ser oficial. Após dificuldades e a intervenção da Grã-Duquesa da Toscana, que era tia do imperador Franz Josef I, conseguiu lugar nas fileiras da liga austro-húngara. Foi essa a primeira experiência de deslocamentos de Mario Baldi, não propriamente migratória, mas de contatos diretos com outras culturas e geografias, sobre a qual produziu um diário até hoje inédito.⁹

⁶ Maria Inez Turazzi, *Poses e trejeitos. A fotografia e as exposições na era do espetáculo. (1839-1889)*, Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

⁷ Louise Baldi, Carta a Mario Baldi, S.M.C.T, Coleção Mario Baldi, Pasta: Arquivo, 1914.

⁸ Baldi, s/d, p.02.

⁹ Mario Baldi, *Mein Kriege Tage-Buch. 1916-1918*, Coleção Mario Baldi, Teresópolis, 1920.

Como é comum nos tempos de pós-guerra, o fim do primeiro conflito mundial desencadeou ondas migratórias. Cidades destruídas, famílias desfeitas, desemprego e poucas perspectivas fizeram com que da Europa saíssem inúmeras pessoas em busca de novos começos. No caso específico do mundo austro-húngaro, o fim do império também cooperou para que muitos europeus germânicos emigrassem em direção a outras regiões, entre elas as Américas. A documentação sugere que esse tema foi bastante controverso. O cônsul da Alemanha em Manaus, Hugo Obliger, que desembarcou no Brasil alguns dias antes de Mario Baldi, afirmou ser a burguesia a classe mais atingida pelo pós-guerra, devido à desvalorização monetária. Continua Obliger no seu oportuno relato:

A carne que tem faltado desde a guerra, e faltou ainda o anno passado, já voltou ao mercado em quantidade pouca, sendo posta á venda aos consumidores por preços caríssimos. Devido á falta existente de pão, assucar e gorduras, esses gêneros são ainda racionados. O leite quase que não existe, a sua falta é extraordinária, não havendo até para os velhos e creanças. [...] Resultante natural do actual estado de coisas, verifica-se hoje, na Allemanha, um intenso movimento emigratório. Lá, como em toda a Europa, aliás, já se tem no devido apreço a America, desviando-se, assim, para o Novo Mundo, de preferencia, as correntes emigratórias. Devo dizer, a proposito e a bem da verdade, que é o Brasil, dos paizes da America do Sul, aquelle mais seduz os que se sentem coagidos a procurar a vida fora da Allemanha.¹⁰

Quando se fala em Alemanha ou imigrantes alemães, pode-se estender o discurso para as regiões austríacas, já que muitos austríacos eram contabilizados como alemães pelas autoridades e imprensa da época. Segundo o estudo de Emílio Willems, “depois de 1918, a participação dos austríacos de língua alemã [na imigração germânica para o Brasil] parece ter sido maior”.¹¹

Dados de Helio Vianna mostram que Baldi chegou ao Rio de Janeiro no período de maior índice da imigração germânica para o Brasil, durante a

¹⁰ *Jornal Correio da Manhã*. “O ‘Curvello’ regressou ante-hontem de sua longa viagem à Europa – O que nos disse sobre a situação da Allemanha o consul honorário daquele paiz em Manaos”. Fundação Biblioteca Nacional, 01/03/1921.

¹¹ Emílio Willems, *A aculturação dos alemães no Brasil*, São Paulo: Editora Nacional, 1980.

República. O ano de 1924 foi o de maior entrada: 22.168 imigrantes germanos, “o que se deve à crise posterior à Primeira Guerra Mundial, proporcionadora de verdadeiro êxodo dos teutos”.¹²

Antes de embarcar para a América, Mario Baldi fez um curso comercial, outro de inglês e trabalhou em um banco. Suas memórias afirmam que foram experiências infrutíferas, o que o fez tentar a emigração para a outrora colônia alemã na África (*Deutsch-Südwestafrika*). Frustrada a tentativa, provavelmente porque a Namíbia passara a ser domínio britânico e a entrada de germânicos foi dificultada a partir de então, Mario Baldi, seu irmão Herbert e alguns amigos embarcaram no Poconé, antiga embarcação alemã incorporada à frota do Lloyd Brasileiro, chegando ao Brasil em março de 1921.

Os jornais que noticiaram a chegada do vapor afirmam que havia três jornalistas entre os imigrantes: Erhard Herz, Erich Weiser e Mario Baldi,

[...] que pelos seus gênios alegres, conquistaram não só a *sympathia* dos seus patrícios, como também de toda a oficialidade do Poconé. Os três, antes da guerra, eram jornalistas na Alemanha e agora emigram devido às dificuldades de vida.¹³

Uma entrevista ao *Correio da Manhã* revela que os imigrantes foram indagados sobre a situação política europeia e se esquivaram das perguntas. As fontes apontam para um silêncio calculado sobre o tema muitas vezes traumático que obrigou muitos europeus a deixar o Velho Mundo em busca de recomeços. Além disso, estavam na condição de derrotados da guerra e talvez não desejassem se envolver em julgamentos políticos.

Weiser e Baldi, outros dois jornalistas que viajaram no ‘Poconé, não quiseram falar, apesar de interrogados por nós sobre a situação política alemã. Esquivaram-se por todos os meios, dizendo que agora ó os preocupa ganhar a vida honestamente no Brasil.¹⁴

¹² Helio Vianna, *História do Brasil*, v.2, São Paulo: Melhoramentos, 1970.

¹³ *Jornal Correio da Manhã*. “O ‘Poconé’ chegou hontem, ás primeiras horas da manhã – E trouxe grande numero de alemães, que vêm fixar residência no Brasil”. Fundação Biblioteca Nacional, 25/03/1921.

¹⁴ *Jornal A Noite*. “Entre os alemães trazidos pelo Poconé. O regresso do coronel Vögler. Tres jornalistas germânicos vieram como imigrantes!” Fundação Biblioteca Nacional, 24/3/1921.

Já o coronel Henrique Vögler, professor de alemão do Colégio Militar que regressava ao Brasil, tinha

[...] frases de bastante optimismo para a situação que atravessa a Europa. (...) Sobre a situação política, o coronel Vogler evitou falar, e em relação á parte economica, S. S. affirmou que a vida na Allemanha corre quase normalmente. Os preços são mais ou menos os mesmo antes da guerra e existe abundancia de viveres. (grifo nosso) ¹⁵

Contraste maior não se pode imaginar quando as palavras de Vögler são comparadas ao trecho do texto que afirma que “o ‘Poconé’ trouxe a maior leva de immigrantes allemães que chega ao Brasil depois da guerra”. Tamanho êxodo indica condições bem mais dramáticas do que as delineadas por Vögler. Outro contraponto se pode ler na mesma página do jornal, que publicou uma nota sobre a ajuda, em forma de alimentos, enviada da Argentina “para socorrer os famintos de Viena e outras cidades austríacas”. ¹⁶

Numa publicação preservada por Baldi na sua coletânea de jornais, encontra-se uma interessante fotografia com a legenda “Jornalistas allemães, também immigrantes que fizeram questão de ‘posar’ junto á nossa bandeira”. ¹⁷ Mario Baldi posa entre dois imigrantes, à frente da bandeira nacional brasileira. Além da “confusão” quanto à nacionalidade do fotógrafo, muito comum para o período, a matéria enfatiza a profissão de jornalistas dos imigrantes, o que é intrigante em face da ausência desse dado em outros documentos sobre esta fase da vida do austríaco. ¹⁸ O aparente mistério se explica com humor numa narrativa publicada por ele posteriormente num jornal de sua cidade natal.

No dia 21 de março de 1921, depois de ter zarpado de Pernambuco em direção ao Rio de Janeiro, o Poconé foi surpreendido por uma violenta tromba d’água que o obrigou a mudar o curso. Os três “jornalistas” produziram um jornal de bordo, o *Poconé Jornal*, lido aos passageiros, que

¹⁵ *Jornal A Noite*. “Entre os allemães trazidos pelo Poconé. O regresso do coronel Vögler. Tres jornalistas germânicos vieram como immigrantes!” Fundação Biblioteca Nacional, 24/3/1921.

¹⁶ *Idem*.

¹⁷ Periodico não identificado. “As novidades do ‘Poconé’ – O que foi a travessia de Hamburgo ao Rio”. S.M.C.T. Coleção Mario Baldi. MB-P-PC-C1/03, 1921.

¹⁸ Fontes mais tardias afirmam que Baldi já escrevia para jornais durante a I Guerra Mundial, escritos esses que não pude localizar. Ver a nota biográfica publicada pela revista *Manchete*, em janeiro de 1954, n° 93. S.M.C.T. Coleção Mario Baldi. MB-P-PC-C3/113.

ouviram a crônica satírica sobre os apuros passados. Relembrando a experiência, Baldi afirma: “essa tromba d’água seria ainda motivo de um assunto muito engraçado e após minha chegada ao Rio encontrei em todos os grandes jornais minha fotografia com longa descrição”.¹⁹

Quando desembarcou no Rio de Janeiro, Mario foi chamado à cabine do comissário do navio, pois este desejava falar-lhe. De repente, eis que surgem três homens que “me fotografaram* ao mesmo tempo, dos três lados, com câmeras bem apontadas”. A isso seguiram várias perguntas, como relata o imigrante:

“Como te chamas? Quando nasceste? Quando começou tua carreira jornalística? Aqui os endereços das nossas folhas: ‘O Imparcial’, ‘A Rua’, ‘A Pátria’” e imediatamente de volta ao comando, me estenderam três cartões de visitas e, de todos os lados, me diziam: “se precisares de alguma coisa, procures nossa redação, teremos prazer em servir-te” e um, dois, três, tão rápido quanto chegaram, foram os três repórteres com o Diabo. Então, comecei a entender. Quando a tromba d’água cruzou nosso caminho entre Pernambuco e Rio, escrevi um artigo para nosso jornal de bordo, que troçava com nosso gordo médico do navio; o comissário traduziu o mesmo em bom português e, então, subi em nossa cabine de rádio, onde escrevi o comunicado num formulário de telegrama. Este eu transmiti para o refeitório dos oficiais como “uma mensagem de rádio interceptada”. Os oficiais radiotelegrafaram este artigo para o Rio de Janeiro. Na mesma noite, estava ele em todos os jornais do Rio de Janeiro para ser lido, junto com uma narrativa da viagem e do batismo do Equador, o qual também organizei. Ao fundo, estampada minha fotografia com a legenda: Mario Baldi, jornalista alemão e ao lado uma divertida caricatura do Dr. Mendes. Que piada de mal gosto!²⁰

Está aí a explicação da procura dos “jornalistas” do Poconé por parte dos repórteres cariocas. Já sabiam da crônica humorística dos imigrantes e viram neles uma oportunidade para obter informações sobre a

¹⁹ Mario Baldi, *Nach Brasilien*, Reisebilder von Mario Baldi, Salzburger Volksblatt, MB-P-PC-C1/01, Coleção Mario Baldi, SMCT. 1921.

²⁰ Baldi, 1921.

realidade política e social da Europa colhidas junto a testemunhas com o olhar treinado da imprensa. Um jornal chega a descrever o “conselho editorial” do Poconé: “Tres jornalistas anonymos. Entre os alemães, tres são jornalistas que redigiram ‘O Poconé’, o jornal ‘falado’. São eles: Baldi, redactor político; Weise, critico, e Herz, humorista do periódico alemão”.²¹

Com a função de brincar e alegrar a longa viagem, a perspicácia e a jocosidade do artigo de Baldi²² no Poconé revelam também as condições sanitárias de viagem do navio.

Telegrama urgente de Deus Padre Todo Poderoso, aos officiaes do “Poconé” – Fugido da morte – Perto da costa da América do Sul, um dos grandes factores da natureza, queria destruir o “Poconé”, com seus passageiros, como sejam ratos, pulgas, percevejos e piolhos. [...] Os passageiros amarelos de medo, com cabelos em pé, suavam frio, por ver a morte junto de si. [...] Essa tromba só poderia estragar, os botes e demais dependencias de bordo, talvez até o próprio “Poconé” levasse o diabo, mas contra o nosso medico, ella não tinha força pois preferia, fugir como fugiu, a encontrar-se em luta com tal gorducho! Todos os passageiros e os infelizes insectos respiram de alegria por ver que o “Poconé” tem elementos para todos os males.²³

Para todos os males, menos para os insetos e as demais imundícies do navio. Como a sátira desse um quadro desfavorável à propaganda para a imigração europeia, o *Correio da Manhã* não publica o telegrama divino e afirma que “as autoridades da Saude do Porto encontraram o Poconé em excellentes condições sanitárias, assim como constataram a boa saúde dos imigrantes”.²⁴

²¹ *Jornal O Imparcial*. “Immigrantes alemães para o Brazil – O Poconé chegou hontem, de Hamburgo – Interessantes notas colhidas a bordo”. Fundação Biblioteca Nacional, 25/3/1921.

²² Em entrevista ao *Jornal Correio da Manhã*, edição citada anteriormente, Erhard Herz afirma ter sido ele o autor do artigo. O que provavelmente fora feito em conjunto acabou sendo depois reivindicado por cada “jornalista”.

²³ Periodico não identificado. “As novidades do ‘Poconé’ – O que foi a travessia de Hamburgo ao Rio”. S.M.C.T. Coleção Mario Baldi. MB-P-PC-C1/03, 1921.

²⁴ *Jornal Correio da Manhã*. “O ‘Poconé’ chegou hontem, ás primeiras horas da manhã – E trouxe grande numero de allemães, que vêm fixar residência no Brasil”. Fundação Biblioteca Nacional, 25/03/1921.

A VIAGEM COMO RITO: OBSERVAÇÕES DE MARIO BALDI

Citei um trecho anteriormente no qual Baldi relata ter organizado o batismo do Equador, à bordo do Poconé. A partir da minha primeira leitura do relato desse fato, percebi que ele refletia um traço encontrado em outras partes da narrativa sobre a travessia do Atlântico: a percepção e rememoração da viagem enquanto um rito de passagem, como as iniciações e os batismos, tal qual o batismo dos viajantes quando passavam pela linha do Equador.

Desde tempos imemoriais, as viagens são verdadeiros ritos de passagem para os indivíduos que as empreendem. O deslocamento espacial desencadeia percepções de alteridade e transformam o viajante, a ponto de uma vida poder ser dividida entre antes e depois de uma viagem. A mitologia de vários povos assume esse fato através de narrativas memoráveis, como a de Ulisses para os gregos, Abrão para os hebreus, Maomé para os islamitas. Durante a Idade Média, a apreensão cultural das viagens vinha acompanhada de grandes perigos e de um medo socialmente difundido dos mares e dos monstros que neles habitavam.

Ao longo da Era Moderna, com as descobertas europeias do Novo e Novíssimo Mundo, os relatos de viagens tornaram-se gêneros literários bem aceitos entre as sociedades. Os autores, muitos deles incentivados por patronos a quem as publicações eram depois dedicadas, não tinham obrigatoriamente compromissos com retratos fidedignos dos acontecimentos e das sociedades encontradas. Tudo dependia do público alvo e dos interesses literários e/ou “científicos” dos autores. Não era incomum a presença de ilustrações que veiculavam mensagens próprias sobre os temas. Essas representações ou mediações culturais eram compostas em grande medida pelas demandas tanto dos viajantes como dos leitores.

A partir das expedições científicas, começou a se delinear um tipo de descrição compromissada com protocolos de observação oriundos do iluminismo e da classificação das sociedades e seus indivíduos. As viagens comumente produziam resultados dos mais variados: objetos, plantas e animais exóticos, relatos escritos, imagens, verdadeiros inventários. Para isso, eram compostas por médicos, botânicos, pintores, enfim, homens da ciência, pessoas que detinham as técnicas do registro daquilo que o olhar observador deveria captar. Vale lembrar que a classificação e a sistematização de dados eram um componente essencial para os governos à distância, no Antigo Regime.

A circulação das descobertas feitas nas mais remotas partes do mundo, como já observado, não se dava somente no âmbito do Estado ou acadêmico, mas era também mediado pela imprensa e se tornava material de acesso popular. Durante os anos que antecederam sua emigração, Mario Baldi teve contato com essa produção e acabou investindo na escrita de suas próprias andanças como meio de produzir conhecimento e, sobretudo, um tipo de memória individual que o destacasse como um mediador entre mundos diferentes.

Quando partiu em direção ao Brasil, Mario Baldi tinha 25 anos e havia terminado seus estudos há pouco mais de seis anos, não tendo cursado, porém, a universidade. Durante a guerra, percorreu parte da Europa travando contato com novas realidades que registrou em seu diário por meio de imagens e palavras. Baldi, desde cedo, demonstra uma sensibilidade para a relação entre memória, escrita e afetividade, indicada pela dedicatória de seu diário de guerra: “dedicado a meus pais com amor pelas bodas de prata, 23/04/1920. Rio”.²⁵ “Rio” era um apelido e correspondia a parte final do nome Mario. A dedicatória, à luz do caráter de rito de passagem que revestiu a participação de Baldi na guerra, faz da rememoração um fator decisivo para o surgimento de um homem maduro, do filho que cresceu e dá a si mesmo como um presente pelo laço matrimonial de seus pais, sem o qual ele mesmo não teria vindo à existência.

Assim, o homem que desembarcou no Brasil tinha familiaridade com a representação do mundo e a produção de memória a partir das experiências concretas. Na verdade, no caso de Baldi, isso parecia crucial para sua sobrevivência psicossocial depois de deixar sua pátria. Os primeiros escritos jornalísticos dele no Brasil, registrados em alemão gótico, eram tão importantes em termos de adaptação quanto o aprendizado de uma nova língua, um posto de trabalho e a busca por novas bases materiais para a vida.

Podemos utilizar nesse caso a hipótese de Emílio Willems:

Sociedades há em que em um determinado estágio de desenvolvimento já não prescindem da imprensa periódica como instrumento de comunicação. [...] Se um grupo de imigrantes que já atingiu o referido estágio for privado, por circunstâncias quaisquer, da

²⁵ Mario Baldi, *Mein Kriegs Tage-Buch. 1916-1918*, Coleção Mario Baldi, Teresópolis, 1920.

sua imprensa, ele perderá uma parte de seu patrimônio cultural. (grifo do autor)²⁶

Quando aplicada ao nosso caso, essa interpretação indica que a forma de Mario Baldi mediar as experiências de vida, abordadas aqui como ritos de passagem, era a escrita. Contudo, não se tratavam de jornais de grupo de imigrantes, mas de um jornal austríaco que abria espaço para os relatos de um filho da pátria, alguém que partiu, mas que permanecia próximo por meio de suas memórias e testemunhos. Num contexto de êxodo de cidadãos, isso era um desafio à coesão social dos grupos envolvidos. Selecionei trechos da narrativa que exemplificam o processo e que compõem a estrutura de uma interpretação da viagem como um rito de passagem que redefine trajetórias. O eixo principal da narrativa é a ideia de rompimento e reconstrução: há a experiência de abandono de sonhos e rompimento de laços como condição essencial para a busca de novas possibilidades e a construção de novas sociabilidades. Eis um primeiro exemplo:

Repentinamente, soou untuosa voz de um grupo de emigrantes, que se ajuntaram aos membros do Exército da Salvação e lentamente vinham se despedir. Lá se via um filho a abraçar seus pais, que lhe davam ainda um bom conselho, famílias se despediam dos parentes e amigos, havia choro e abraços; mas também muita alegria e faces cheias de esperança.²⁷

A metáfora da “voz untuosa” e as cenas de abraço e despedida sugerem a ideia de duas partes que, a despeito de seus vínculos, se veem obrigadas a se desprender. Para muitos, esse processo foi verdadeiramente traumático. Uma forma de administrá-lo era manter as tradições, os contatos, as leituras, ou como disse um alemão aos emigrantes entre os quais Baldi se encontrava: “não deveis esquecer a velha pátria e, mesmo em país estrangeiro, deveis exaltar vossa germanidade”.²⁸

O retrato que Mario constrói da emigração demonstra sua percepção da excepcionalidade do processo, bem como deixa transparecer o quanto, para ele, era aquilo uma experiência nova e fantástica. O movimento dos emigrantes é descrito como um deslocamento vagaroso de uma massa: “homem por homem, todos deveríamos passar por uma pequena sala, onde

²⁶ Willems, p.395-396.

²⁷ Baldi, 1921.

²⁸ Baldi, 1921.

um funcionário carimbava cada bilhete; rápido, automático, como uma máquina, sem sequer olhar para os passageiros”. Após a experiência com o homem-máquina, “[...] finalmente, finalmente a suada massa de homens derramava-se do cais”.²⁹

É notória a condição de entrega a que homens e mulheres se viam obrigados a submeter suas existências, representada pela ideia de derramar-se. Baldi salta aqui para a figura do corpo sacrificial, transformando a multidão em um rebanho de ovelhas que se espremia em direção ao sacrifício: “quando alcançamos o Poconé, começou a chover finamente. Todos os emigrantes empurravam-se como uma horda de ovelhas por uma estreita passagem e ocorriam novamente brigas e discussões”.³⁰ Depois de levar as bagagens aos chutes pela escada estreita que terminava no pavimento inferior, as ovelhas continuam como para um matadouro: “dever-se-ia lançar abaixo seu próprio santo cadáver: ‘lá embaixo é terrível’. Ao menos era o que parecia no primeiro momento”.³¹

A representação metafórica e poética era, ao mesmo tempo, documental, pois mediava uma experiência extremamente viva e próxima da realidade social europeia. Quantos deveriam ser os leitores que tiveram parentes e amigos nas mesmas situações? Talvez eles mesmos tenham vivenciado aqueles momentos como emigrantes.

Como bom conhecedor da literatura de viagens, Mario Baldi brinca com figuras míticas para contar seu próprio rito de passagem, como quando compara o navio, ancorado no porto da Antuérpia, a um mostro do mar: “Incessantemente rugem as correntes e enfiam a carga na barriga insaciável do navio”.³²

Não faltam à narrativa as figuras dos contadores de histórias – gente velha e vivida que, à meia-luz, instrui os ouvintes com suas experiências –, luzes das cidades portuárias e o fervilhar das pessoas no cais. Tudo o que coloria o quadro de novas sociabilidades, novos encontros, era registrado pelo viajante. Interpreto esse trabalho narrativo de Baldi como uma forma de sobreviver em terra estrangeira, não só materialmente, mas, sobretudo,

²⁹ Baldi, 1921.

³⁰ Baldi, 1921.

³¹ Baldi, 1921.

³² Baldi, 1921.

simbolicamente, um relembrar aos outros e a si mesmo que as experiências compõem um conjunto de escolhas que valem a pena.

Baldi cultivava o estilo dos relatos de viagem do século XIX através da ênfase no exotismo, diferença, inusitado e humorístico. Esses elementos aproximavam o leitor da narrativa, como afirma a nota do editor citada anteriormente. As narrativas são leves e não tem cunho político explícito, mas sim as próprias vivências do autor e seus julgamentos sobre aquilo que vê e sente. Talvez seja adequado incluir os textos no estilo das crônicas e dos folhetins que desde o século XIX floresciam por todo o mundo.

Assim, ecoando palavras que desde o século XVI descreveram o Rio de Janeiro, as primeiras impressões de Baldi são típicas daqueles que chegam pela primeira vez na cidade. “Sobre o Rio poder-se-iam escrever livros. A impressão, causada por esta grande cidade em meio a uma natureza exuberante, é arrebatadora”.³³

Mas a cidade é, de fato, como um palimpsesto de tempos sobrepostos, mistura de experiências seculares nas quais “antigos, veneráveis castelos do tempo das conquistas portuguesas se intercambiam com modernas construções luxuosas e grandes armazéns, cafés sombrios e frescos e monumentais edifícios públicos. Tudo é limpo”.³⁴

Logo a diversidade urbana chama a atenção de Baldi, os bondes e os carros de luxo, o mercado onde se podem comprar víveres e papagaios e “observar o vai e vem de brasileiros, europeus, japoneses, chineses, mulatos e negros”.³⁵

Interessante notar o registro e a referência do autor à variedade étnica que gira em torno da prática capitalista de oferta e procura, venda e consumo no mercado. A praça de comércio é um símbolo secular do fervilhar da vida urbana, cara aos observadores das multidões modernas. Pode-se dizer que esse conjunto de referências acumuladas por Baldi, entendido como um caso exemplar e paradigmático da experiência imigrante no início do século XX, é uma variante sugestiva da ideia de Brasil como um país receptivo às culturas estrangeiras, afeito às misturas, lugar colonial, de um cotidiano em transformação moderna e que aponta para um progresso possível.

³³ Baldi, 1921.

³⁴ Baldi, 1921.

³⁵ Baldi, 1921.

Deve-se ultrapassar a busca simplória por saber se Baldi realmente viu essas coisas ou se elas, independentemente de seu olhar, se desenrolaram no mercado carioca. Mais do que isso, era fundamental para Baldi convencer-se de que sua travessia prometia uma vida melhor. Como observador dos povos que se cruzavam no Rio, sabia-se como um daqueles que compunham a inusitada diversidade cultural. O registro dessas observações e, sobretudo, sua veiculação para seus conterrâneos salzburguêses faziam parte de uma reafirmação em mão-dupla da experiência válida da imigração e também dos vínculos com a pátria mãe.

Neste rito de passagem, o que ocorreu com austríaco Mario Baldi? Se ele constrói sua narrativa da viagem como uma experiência transformadora, no que ele poderia ter se tornado? A resposta está na valorização dos resultados do processo, muito comum em diversas narrativas imigrantes. Assim, por meio de dificuldades incontáveis e depois de enfrentamentos de situações adversas, o imigrante é um vencedor.

No caso das narrativas de Baldi, isso se deu num processo dialético de produção de sentido no qual autor e leitor podem se projetar um no outro: um, através de experiências empíricas vividas e, depois, codificadas pela escrita que deve ser lida por um concidadão; o outro, através de uma leitura de um texto que narra histórias de vida que poderiam ser as suas próprias vivências.

Não por acaso, numa nota introdutória a um dos relatos sobre a região serrana do Estado do Rio de Janeiro, o editor da *Salzburger Volksblatt* destaca a condição de emigrado e o sucesso de Baldi no Brasil, traduzidos pela facilidade que ele tinha de acomodar-se às novas realidades³⁶:

³⁶ Esses relatos já conhecidos pelos leitores do jornal chegaram à Europa durante um período de florescimento intelectual austríaco, quando, durante a Primeira República da Áustria (1918-1938), as sementes da identidade nacional austríaca eram plantadas. Com o objetivo de estudar o processo de construção dessa identidade, a historiadora Julie Thorpe privilegia como documentação os periódicos austríacos, especialmente o *Salzburger Volksblatt*. Thorpe afirma que, para que se entenda o desenvolvimento da Segunda República da Áustria, depois de 1945, devem-se estudar as fundações do processo durante o período de 1918 até 1938. A autora também discute os significados e as políticas de imigração desse período. Identifiquei a possibilidade dos artigos de Baldi fazerem parte de um contexto mais amplo de identidade local em Salzburg: por que terá sido relevante, para os editoriais do jornal, abrir espaço para os textos de um emigrante austríaco no Brasil? Qual terá sido o papel das narrativas nesse processo de construção de uma identidade nacional na Áustria? A temática, porém, demandaria reflexões mais vagarosas e ultrapassaria o escopo desta comunicação. Ver os dois trabalhos de Julie Thorpe, 2000 e 2009.

Um Salzburguês no Brasil: o tenente Mario Baldi, oriundo de uma família conhecida de Salzburg, é um dos poucos emigrados austríacos que conseguiram estabelecer-se e, com sucesso, começar uma vida nova em terra remota. Cheio de amor à vida e vitalidade, ele sabe bem acomodar-se às condições locais. Os seus animados relatos de viagens são bem conhecidos, especialmente para os leitores do Salzburger Volksblatt. Tendo sido voluntário do exército desde o início da Guerra Mundial, Baldi foi para o Brasil em 1920. Até agora trabalhou num rancho (São Sebastiano de Teresópolis) e se prepara para uma expedição ousada por todo o Brasil, seguindo o Rio Paraná até Buenos Aires. Entre os motivos da viagem estão os estudos científicos e a investigação pormenorizada dos povos indígenas da região.³⁷

O austríaco que saiu da Europa no fim de 1920 fugia de condições adversas, viajava como derrotado de guerra. Ao longo da rememoração da travessia e das experiências no Brasil, ele se tornava “um dos poucos” que conseguia uma adaptação satisfatória, alguém que não anda à mercê das marés, mas planeja viagens e transforma realidades locais em objeto de observação científica.

Cruzando-as com outros trechos de narrativas, podemos desenhar um quadro bem mais complexo e entender a importância desse tipo de construção simbólica. Relembrando bem mais tarde a época da pré e pós imigração, Baldi afirma em sua autobiografia:

Após a queda da monarquia, fiz um curso comercial em 1918-19 em Innsbruck e trabalhei durante 2 meses em um banco (terrível!). Estudei inglês durante 2 anos e queria emigrar para o antigo Sudoeste Africano Alemão com um outrora fazendeiro. Mas não se realizou... quer dizer, em vez disso, BRASIL. Em 1921, emigramos eu, meu irmão, senhor Carry Venulet (o fazendeiro) e o Major Lusum. Nós alugamos uma fazenda grande “Macacu” e o fazendeiro nos enganou pra valer. Assim Lusum voltou a Salzburg. Até 1925, fui lavrador, dirigentes, guarda-noturno, fotógrafo itinerante,

³⁷ SALZBURGER VOLKSBLATT. S.M.C.T. Coleção Mario Baldi. MB-P-PC-C1/18, 1922.

jardineiro, pedreiro, construí uma rede telegráfica para o governo, fiz uma expedição aos índios que tornou a ser um desastre incomparável e cheguei, finalmente, ao Rio de Janeiro com meu amigo que contraiu malária e com uma fortuna inacreditável de 20 mil Réis, trabalhei como jardineiro e caseiro num convento de freiras, começando lá a anotar minhas aventuras para os jornais da minha pátria, as quais, mais tarde, illustrei com fotografias.³⁸

As dificuldades e os sacrifícios são acompanhados, depois, de uma recompensa. Em determinada altura do relato de vida deixado por Mario Baldi, ele narra o que chamou de *Butterbrotseite*. Esta expressão é composta por três palavras alemãs: manteiga (*Butter*), pão (*Brot*) e lado (*Seite*). A palavra passa rapidamente para o campo das metáforas e representa uma linha tênue entre sorte e azar: o lado amanteigado do pão, além de saboroso, é aquele que *sempre* cai voltado para baixo, no caso de um descuido. Porém, ao contrário do que se esperaria, o acaso trouxe para Baldi o êxito.

A intenção de Baldi é descrever um lado, aspecto ou mesmo um tempo passado e agradável da vida, o que em português talvez chamássemos de “anos dourados”. O trecho a seguir é a continuação imediata da descrição das dificuldades dos primeiros anos no Brasil, citada anteriormente:

Então iniciou-se novamente um dos “tempos amanteigados”. Em 1925 o neto do último imperador do Brasil retornou do exílio para Petrópolis e eu, por acaso, tornei-me seu copeiro. Ele era um parente da Grã-Duquesa da Toscana e possuía bens e uma casa de verão em Salzburg. Dom Pedro escreveu para a Grã-Duquesa em Salzburg e informou-se sobre nossa família. Resultado³⁹: passei de garçom a secretário e confidente do príncipe. (grifo meu)⁴⁰

O acaso, que normalmente coopera com o azar, o levou à presença do príncipe, situação inusitada que ele deveria aproveitar. A riqueza da expressão usada a partir de um compartilhamento linguístico mostra também o outro lado da história. O “lado amanteigado” prevaleceu. Já o acaso e o

³⁸ Baldi, s/d, p.3-4.

³⁹ No original, *Erfolg*, que pode significar também “sucesso”.

⁴⁰ Baldi, s/d, p. 4.

incerto – fatores preponderantes da condição imigrante – puderam ser domados pelo capital familiar favorável, algo de que Baldi se orgulhava.

Depois da promoção, Baldi acompanhou o príncipe nas viagens que este desejava fazer pelo Brasil e documentou as andanças. “Fiz todas as fotos e filmes para o príncipe e lancei-me em fotografia e artigos de jornal, no que me aperfeiçoei tanto que meu bístio (sic) Gregor, o primeiro artista fotógrafo de Salzburg, certamente teria sorrido satisfeito no céu.”⁴¹ “Recordar quiere decir seleccionar ciertos capítulos de nuestra experiencia y olvidar el resto”.⁴²

As palavras de Joan Fontcuberta nos lembram de que qualquer narrativa é um processo rico de subjetividades e seleções. Minha intenção neste breve texto foi mostrar uma versão ainda desconhecida de uma experiência imigrante. Mario Baldi usa sua capacidade narrativa para sobreviver nos primeiros tempos de Brasil. Se a dimensão material era construída por trabalhos de toda sorte, como é comum na vida do imigrante, a narrativa garante a coesão do autor com sua cultura original e se torna uma forma de manutenção da existência psicossocial.

Não bastava sobreviver, era preciso contar a terceiros, seus conterrâneos, sua família que suas escolhas o levaram a situações melhores. Através da memória e da narrativa, a travessia, enquanto um rito de passagem construído com figuras do sagrado e imaginações das viagens, transformou Mario Baldi num imigrante de sucesso. A convivência com D. Pedro foi vista como uma recompensa. De fato, foi a primeira vez que Baldi obteve uma estabilidade material e profissional no Brasil. Até os anos de 1950, ele era identificado como o fotógrafo austríaco, combatente na guerra mundial e documentarista do príncipe D. Pedro.⁴³

Recebido em 5/08/2015 - Aprovado em 18/10/2015

⁴¹ Baldi, s/d, p. 4.

⁴² Joan FONTCUBERTA, “Videncia y evidencia”. *El beso de judas. Fotografía e verdade*, Barcelona: Gustavo Gilli, 2002, p. 58.

⁴³ “Eu fui companheiro de Maufráis”. *Manchete*. Rio de Janeiro. n° 93. Coleção Mario Baldi. S.M.C.T. MB-P-PC-C3/113, 1954.